

## Intertextualidade nos Contos de Fadas: Múltiplos Olhares

### *Intertextuality in Fairy Tales: Multiple Views*

Marli Ferreira de Carvalho Damasceno<sup>1</sup>

Margareth Valdivino da Luz Carvalho<sup>2</sup>

Maria Angélica Freire de Carvalho<sup>3</sup>

### RESUMO

O estudo das possíveis relações entre os textos pode significar um início de um percurso que num contexto mais amplo pode atribuir ao texto as inúmeras possibilidades de compreensão e interpretação. No âmbito da leitura e compreensão dos contos de fadas, alguns aspectos intertextuais constituem elementos fundamentais para a aquisição de uma postura mais crítica por parte do leitor. O olhar sobre a forma do texto, a perspectiva discursiva e as inferências inerentes ao processo da construção dos contos são, de alguma forma, essenciais para que a leitura ocorra de fato. O objetivo deste trabalho é analisar as possíveis intertextualidades em alguns contos de fadas, tendo em vista que são textos com temáticas muito peculiares, mas que mantêm uma coerência na organização temática, sobretudo no que concerne aos elementos norteadores de sentido. Analisamos, inicialmente, alguns contos de fadas tradicionais, comparando-os a versões mais modernas, como: *Chapeuzinho Vermelho e Chapeuzinho Amarelo*, *Branca de Neve e os Sete Anões*; *O patinho Feio* e *O Patinho realmente Feio*. Usamos as concepções de texto e intertextualidade de autores como Koch (2011), Costa Val (1999), Antunes (2010) e Cavalcante (2010). O processo de análise mostra que os contos de fada são textos que (re)constroem visões diferentes à medida que o leitor se depara com uma versão passível de interpretação múltipla, isto, porque o leitor na sua posição mais seletiva consegue atribuir um sentido para cada texto. A intertextualidade pode ser representada por uma postura nova do leitor e por essa possibilidade de olhar um texto, não com um olhar direcional, mas com a observação de tudo o que está explícito e implícito no universo textual.

**Palavras-chave:** Intertextualidade; conto de fadas; texto.

---

<sup>1</sup> Mestre e doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Piauí. Docente do Instituto Federal do Piauí. Orcid: 0000-0001-8308-4390. E-mail: [marlidamasceno@ifpi.edu.br](mailto:marlidamasceno@ifpi.edu.br)

<sup>2</sup> Mestre e doutoranda em Letras da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Docente da Universidade Estadual do Piauí. E-mail: [margarethvaldivinodaluzcarvalho@gmail.com](mailto:margarethvaldivinodaluzcarvalho@gmail.com);

<sup>3</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas com pós-doutorado em educação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal do Piauí - UFPI. E-mail: [angelifreire@ufpi.edu.br](mailto:angelifreire@ufpi.edu.br)

**ABSTRACT**

The study of possible relationships between texts can mean the beginning of a journey that, in a broader context, can give the text countless possibilities of understanding and interpretation. In the context of reading and understanding fairy tales, some intertextual aspects constitute fundamental elements for the reader to acquire a more critical stance. Looking at the form of the text, the discursive perspective and the inferences inherent to the process of constructing the stories are, in some way, essential for the reading to actually occur. The objective of this work is to analyze the possible intertextualities in some fairy tales, considering that they are texts with very peculiar themes, but which maintain a coherence in the thematic organization, especially with regard to the guiding elements of meaning. We initially analyzed some traditional fairy tales, comparing them to more modern versions, such as: Little Red Riding Hood and Little Yellow Riding Hood, Snow White and the Seven Dwarfs; The Ugly Duckling and The Really Ugly Duckling. We use the concepts of text and intertextuality from authors such as Koch (2011), Costa Val (1999), Antunes (2010) and Cavalcante (2010). The analysis process shows that fairy tales are texts that (re)construct different visions as the reader is faced with a version capable of multiple interpretation, this is because the reader in his most selective position is able to attribute a meaning to each text. Intertextuality can be represented by a new posture on the part of the reader and by this possibility of looking at a text not with a directional gaze, but with the observation of everything that is explicit and implicit in the textual universe.

**Keywords:** Intertextuality; fairy tale; text.

**I. INTRODUÇÃO**

Compreender o conceito de intertextualidade implica observar as várias formas pelas quais um texto perpassa para ser inserido em outros textos, ou seja, “diz respeito aos fatores que tornam a utilização de um texto depende de um ou mais textos previamente existentes” (Koch, 1985, p. 28). O texto é, então, uma tessitura de elementos que constroem um sentido mais amplo dentro do processo de interação.

A noção de intertextualidade foi proposta por Koch (1986, p. 40) de duas formas: “em sentido amplo, é lícito afirmar que a intertextualidade se faz presente em toda e qualquer texto”. Em sentido restrito, a intertextualidade ocorre quando um texto dialoga com outros textos realizados anteriormente, isto é, “quando em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido” (Koch, 1997, p. 108).

Antunes (2010), assim como Koch (1986), também descreve o fenômeno da intertextualidade de duas formas, apontando que todos os discursos já foram produzidos

**Revista Interdisciplinar**

anteriormente enfatizando que, “a multidão de todos as outras pessoas que nos procederam e com quem convivemos fala pela nossa voz” (Antunes, 2010, p. 163.) Nesse caso, trata-se de uma intertextualidade ampla visto, transforma todo texto em um intertexto. A intertextualidade restrita seria, então, aquela em que há a inserção explícita de um texto em outro, contudo também pode vir de uma maneira implícita através da alusão (Antunes, 2010).

Costa Val (1999), define texto ou discurso como ocorrência linguística falada ou escrita, ou seja, é uma unidade de linguagem em uso e que possibilita a interação entre os povos. Dessa forma, o texto ou discurso é uma ocorrência linguística falada ou escrita, ou seja, é uma unidade de linguagem em uso que desempenha um papel central na interação entre os indivíduos. Essa definição reforça a ideia de que o texto não é apenas uma sequência de frases, mas um ato comunicativo que ocorre em contextos específicos, promovendo a interação social e a troca de significados.

A complexidade para a definição exata do conceito de texto perpassa por todos os conhecimentos fundamentais para a compreensão dos diferentes elementos presentes na constituição do texto. Segundo Koch e Elias (2006), os três conhecimentos: o linguístico, o enciclopédico ou de mundo e o interacional mantêm entre si uma relação que constitui a base para a compreensão dos elementos explícitos e implícitos ao texto. Observamos o exemplo a seguir:

Ex: *na curva do teu corpo, capotei meu coração* (Frase de para-Choque de caminhão)

Podemos considerar a frase acima um texto? Sim, a frase é um texto. Vale por uma declaração de amor, é um texto amoroso, com uma clara relação com o contexto do caminhoneiro: os perigos da estrada são os perigos do amor. É interessante que a presença do amor do autor do texto associando o corpo feminino aos perigos da estrada, através de um elemento comum: as curvas.

Para este trabalho, abordaremos o posicionamento de Koch, Bentes e Cavalcante Costa Val e Antunes, quando tratam da intertextualidade, apontando para partes ou um texto que são inseridos em outro.

**II. REVENDO OS DIVERSOS CONCEITOS DE INTERTEXTUALIDADE**

Podemos dizer que tudo o que pensamos, fazemos, falamos ou escrevemos tem a ver com o que muitos pensaram, fizeram, falaram ou escreveram. Da mesma forma, embora nem sempre

**Revista Interdisciplinar**

tenhamos consciência disso, os textos que produzimos são o resultado da influencia maior ou menor, mais clara ou quase imperceptível, de outros textos.

A noção de intertextualidade foi abordada inicialmente por Kristeva (1980). Com uma perspectiva literária, chamando a atenção para o fato de que a produtividade da escrita literária possui textos que são originários de outros. Portanto, é preciso compreender o texto como um intertexto, que é um campo geral de fórmulas anônimas, feitas sem espaços (Maingueneau, 2004).

Koch e Bentes Cavalcante (2008) acrescentam que a intertextualidade ocorre quando dentro de um texto está inserido outro texto (intertexto), anteriormente produzido, que pode ser recuperado através da memória social ou da memória discursiva dos interlocutores. Por isso, é necessário que o texto remeta a outros textos ou fragmentos dos mesmos, com os quais é estabelecida algum tipo de ligação. Assim, apropriando-nos das palavras de Jenny (1979, *apud* Koch, Bentes, Cavalcante, 2008, p.17), “propomo-nos a falar de intertextualidade desde que se possa encontrar num texto elementos anteriormente estruturados para além do lexema, naturalmente, mas seja qual for o seu nível de estruturação”.

Para falarmos de intertextualidade inicialmente apresentamos os diversos tipos, cada um com características peculiares: intertextualidade temática, intertextualidade estilísticas, intertextualidade explícita, intertextualidade com textos de outros enunciadores, intertextualidade das semelhanças e das diferenças, intertextualidade intergenérica, intertextualidade tipológica.

Entretanto, abordaremos acerca dos tipos de intertextualidade que consideramos significativos para sustentar a análise proposta neste trabalho.

**Intertextualidade temática**

A intertextualidade temática refere-se à presença de temas ou ideias recorrentes em diferentes textos, que dialogam entre si ao abordarem os mesmos tópicos ou pertencerem a áreas de conhecimento semelhantes. Em textos científicos, por exemplo, essa intertextualidade ocorre quando diversos trabalhos discutem um mesmo tema, seja em áreas como medicina, biologia, sociologia ou qualquer outra, contribuindo para o desenvolvimento de um campo específico.

Isso não significa que os textos são idênticos, mas sim que partilham perspectivas, conceitos ou preocupações semelhantes, construindo um diálogo implícito ou explícito entre os autores. A intertextualidade temática também se manifesta em várias áreas da atuação humana, como a

**Revista Interdisciplinar**

literatura, política, filosofia e artes, onde os autores reagem, complementam ou desafiam as ideias uns dos outros, ampliando o debate sobre questões centrais e criando uma teia de significados interconectados.

Koch, Bentes e Cavalcante (2008) explicam que esse tipo de intertextualidade é mais comum em matérias de jornais e das mídias em geral, ressaltando acontecimentos de maior ou menor relevância em determinado período. Esse tipo de intertextualidade está presente entre textos literários devido à plasticidade e às possibilidades (re)criações em determinados textos.

Podemos observar a intertextualidade temática nos textos a seguir:

**Texto 1**

Os habitantes naturais de Istambul e seus arredores não mudaram desde a última era glacial. Eles são ricos em vida selvagem, com algumas espécies que não são encontrados em nenhuma parte da terra. Mas agora, esta cidade histórica de 11 milhões de habitantes está em perigo. Sendo já uma megalópole, sua população vai dobrar até o ano de 2005 coisas que não consigo imaginar! Favelas se espalhando por toda a parte incontrolável e ilegalmente. Elas possuem água potável e colocam em risco a comunidade. Grandes projetos de construção destroem o meio ambiente porque não são bem planejados. O DKHD, fundo para a proteção da vida animal, iniciou o projeto zona verde para proteger os habitantes naturais<sup>4</sup>.

Bince Borga, 17 anos, Turquia IN missão terra.

O resgate do planeta. Agenda 21, feita por crianças e jovens. ONU, 1998

**Texto II**

Comida<sup>5</sup>

Bebida é água

Comida é pasto

Você tem fome de que?

Você tem sede de que?

A gente não quer só comida

A gente quer comida, diversão e arte.

<sup>4</sup> Disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/gestar/aaaportugues/aaa4a.pdf>

<sup>5</sup> Disponível em <https://www.letras.mus.br/titas/91453/>

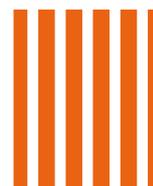


A gente não quer ser bebida  
A gente que bebida, diversão, bale.  
A gente não quer só comida  
A gente quer a vida como a vida quer  
Bebida é água  
Comida é pasto  
Você tem fome de que?  
Você tem sede de que?  
A gente não quer só comer  
A gente quer comer, quer fazer amor.  
A gente não quer só comer  
A gente que prazer pra aliviar a dor.  
A gente não quer só dinheiro  
A gente quer dinheiro e felicidade  
A gente não quer só dinheiro  
A gente quer inteiro e não pela metade

Titãs. Comida. Jesus não tem dentes no país dos banguelas, 1987, WEA, faixa 8.

Pelos trechos acima, observamos que o texto circulado na revista *Isto É* (2004) retoma trechos da música. O leitor pode perceber esta intertextualidade através de sua memória social, pelas pistas anunciativas que o texto apresenta.

A intertextualidade temática também pode estar presente em mitologias históricas de quadrinhos, músicas de um mesmo – ou-não compositor, um livro, portanto, enumerá-los é praticamente impossível, mas podemos perceber esse tipo de intertextualidade a partir de um conhecimento de mundo mais apurado.



### Intertextualidade Estilística

A intertextualidade estilística como aquela que produz um texto repete, imita, parodia certos estilos ou variedades linguísticas, como os que produzem a linguagem bíblica, um jargão, o dialeto, um estilo de um determinado gênero, autor ou seguimento da sociedade (Koch; Bentes; Cavalcante, 2008).

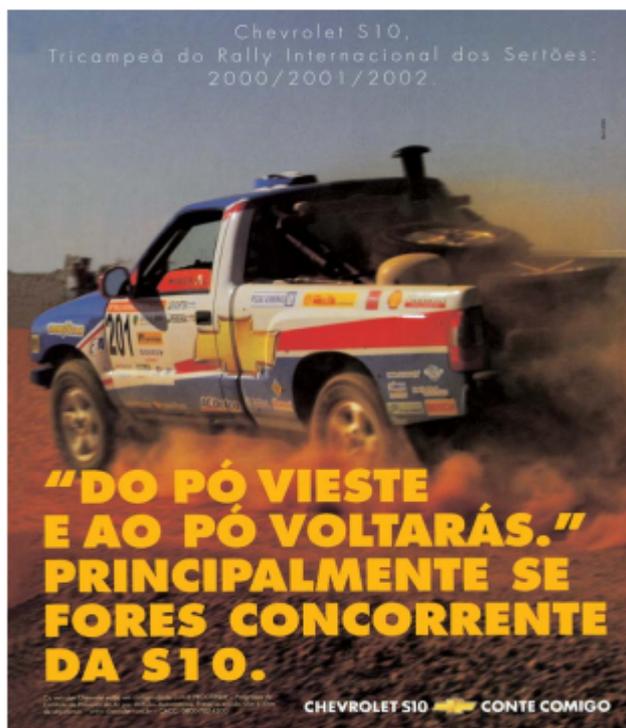
Para os referidos autores, não há uma intertextualidade apenas da forma defendem a seguinte posição, “toda forma emoldura, enforma determinado conteúdo, de determinada maneira” (Koch; Bentes; Cavalcante, 2008, p. 19). Isso refere-se à ideia de que a forma de um texto (sua estrutura, organização, gênero, estilo) influencia a maneira como o conteúdo (as ideias, informações, mensagens) é apresentado e compreendido. Ou seja, não podemos separar o “como” do “o quê” no processo de comunicação.

A forma “emoldura” o conteúdo ao dar-lhe uma estrutura específica, como se fosse uma moldura em torno de um quadro. Isso significa que a organização textual (como o texto está disposto) pode condicionar ou influenciar a interpretação e a recepção do que está sendo comunicado.

A expressão “enforma” reforça a ideia de que a forma não apenas delimita, mas também molda o próprio conteúdo, afetando o sentido que ele transmite. Dependendo da forma escolhida (por exemplo, um artigo científico, uma crônica, uma poesia), o conteúdo ganha um caráter específico e pode ser entendido de diferentes maneiras.

Em outras palavras, a forma textual não é neutra, mas sim parte ativa do processo de significação. Essa visão está em consonância com a noção de textualidade e o papel do autor e leitor na construção do significado.

Ilustraremos esse tipo de intertextualidade tomando de empréstimo uma propaganda da Chevrolet S10:



Disponível em: <https://autolivrraria.com.br/bc/auto-livrraria/al-chevrolet/quadros-decorativos-chevrolet-s10-blazer/>

Pelo conteúdo do texto verbal, podemos identificar uma intertextualidade com trechos bíblicos do gênesis. No caso do texto acima, as palavras bíblicas foram transportadas para o texto publicitário, ou seja, é um intertexto com uma roupagem diferente.

### Intertextualidade explícita

A intertextualidade explícita é representada quando um texto é inserido no outro discurso. Esse tipo de intertextualidade também pode ser detectado em um fragmento citato, deixando claro o enunciador. Encontramos essa intertextualidade em:

Referência, citações, resenhas e traduções, em textos argumentativos quando se emprega o recurso à autoridade, e em se ratando da instrução face a face, nas retomadas do texto do parceiro, para encadear sobre ele ou contradita-lo, ou mesmo para demonstrar atenção ou interesse na interação (Koch; Bentes; Cavalcante, 2008 p. 28).

Podemos identificar esse tipo de intertextualidade diferentes tipos de trabalhos norteados por embasamentos teóricos.

## Revista Interdisciplinar

É importante ressaltar que esse tipo de intertextualidade nasce objetivamente que são os produtos do anunciado.

### Intertextualidade implícita

Falamos em intertextualidade implícita quando identificamos em texto “o discurso outro”, sem marcá-lo explicitamente. Segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2008, p. 30), “isso ocorre com o objetivo de seguir a orientação argumentativa, quer contradita-la, colocar em questão, de ridicularizá-lo ou argumentar em sentido contrário”. As paráfrases são verificadas no primeiro caso, ou seja, o que Sant’Anna (1985 *apud* Koch, Bentes e Cavalcante, p.30) chama de intertextualidade das semelhanças. No outro caso, estão inclusos os enunciados irônicos, apropriações, negações.

O reconhecimento da presença do intertexto nessa intertextualidade está relacionado com a ativação da fonte rimaria ou da memória discursiva. Podemos perceber esse tipo de intertextualidade nos plágios cujo objetivo maior é a não identificação do anunciador.

Podemos citar como exemplo: anúncios publicitários, músicas populares na literatura, mídia, nas piadas e em diversos outros locais (Koch; Bentes; Cavalcante, 2008). Como exemplo, podemos citar: *A canção do exílio*, de Gonçalves Dias, que possui vários intertextos, dentre eles, *Canção do exílio* de Casimiro de Abreu; *Canção do exílio*, de Carlos Drummond de Andrade; *As Avemas*, de Jô Soares, ou seja, podemos encontrar inúmeros exemplos na literatura.

### Analisando a intertextualidade em alguns contos de fadas

Nos manifestamos por meio de textos e através deles podemos nos inserir num mundo oral real, ora imaginário. Isso quer dizer que há um poder dos textos como meio de expressão e inserção no mundo, sejam textos, sejam falados ou escritos, são ferramentas essenciais para que os seres humanos participem da realidade social, histórica e cultural, ao mesmo tempo em que possibilitam a criação de mundos imaginários e ficcionais.

Ao nos manifestarmos por meio de textos, estamos não apenas compartilhando pensamentos, opiniões ou informações, mas também construindo identidades e participando de uma rede mais ampla de comunicação e interação humana. Por exemplo, discursos políticos, debates acadêmicos, romances e poemas são todas formas textuais pelas quais as pessoas moldam e interpretam o mundo ao seu redor.

**Revista Interdisciplinar**

O mundo ora real, ora imaginário refere-se à capacidade dos textos de representar tanto a realidade objetiva quanto mundos fictícios ou alternativos. Por meio da linguagem, podemos descrever situações e eventos que realmente ocorrem no mundo (como notícias ou relatos históricos) ou criar universos totalmente inventados (como em contos de fadas ou ficção científica). Dessa forma, os textos se tornam uma ponte entre o real e o imaginário, permitindo que o ser humano explore ambos. Essa reflexão mostra que o texto é um processo dialógico e ativo na construção de significado, como você tem explorado em discussões anteriores sobre textualidade e intertextualidade.

O conto de fadas, enquanto narrativa destinada ao público infantil, segue na Idade Média moderna e tem por fonte a tradução oral. Bruno Bettelheim (1998) enfatiza a importância dos contos de fadas não como a literatura, mas como uma arte integrante para a compreensão da criança. Os elementos que constituem os contos de fadas se relacionam com todas as formas de manifestações dos sentimentos de crianças e adultos. Mais que isso, os contos podem evocar diversas intertextualidades.

Bakhtin (1979) diz que os gêneros estão presentes no dia-a-dia de todos os atores sociais, são práticas de interação e estão em constantes mudanças. Dessa forma, tanto podem seguir novos gêneros na esfera social, como eles podem se mesclar com outros. Sobre essa mesclagem e/ou surgimento, os contos de fadas se fazem presentes à medida que os objetivos do leitor-produtor passam a ter um referencial diversificando.

**ANÁLISES DOS CONTOS**

Para Kristeva, baseando-se na teoria de Bakhtin, intertextualidade é um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo que envolve várias escritas, ou seja, não há neutralidade nem pureza nos textos. Consideramos assim, que os textos são independentes das práticas sociais e das práticas discursivas em que são construídos. Para Kristeva (1974), todo texto é um mosaico de citações anteriormente produzidas.

Passemos, então, as análises:

**Texto I**

A cigarra e as formigas - A formiga boa

“Houve uma jovem cigarra {...}”.

A cigarra e as formigas- A formiga má

“Há entretanto, uma formiga má {...}”.

A cigarra e a formiga (La Fontaine)

“A cigarra, sem pensar em guardar [...]”.

A começar pelo título, os textos conversam entre si. Os fatos podem fazer alusão a outros, tantos de forma implícita como explícita. No caso dos textos analisados, a intertextualidade temática se faz presente, sobretudo no que concerne à explicitação da mensagem.

De um lado, o autor apresenta uma formiga, porque considera que não há possibilidade de perdoar a cigarra pelo fato desta não ter trabalho durante o verão, isto é, o trabalho físico era o que contava. Já a formiga boa, apreciava as qualidades de cantora da cigarra atribuindo um valor significativo para o trabalho intelectual.

Pode-se observar na primeira análise aquilo que de acordo com Koch, Bentes, Cavalcante (2011) fundamenta a intertextualidade isto é, nenhum texto pode ser tomado isoladamente porque em alguns aspectos sempre encontraremos fragmentos de um texto em outro texto.

O que temos então de intertextualidade nessas fábulas? Uma intertextualidade temática ou uma alusão? Do ponto de vista literário, a intertextualidade temática. Ressaltamos que a fábula original *A Cigarra e a Formiga* (Escopo) não há a inserção no título da adjetivação que define o caráter ou a índole da formiga.

Koch (2009) diz que “o sentido de um texto, qualquer que seja a situação comunicativa não depende tão somente da estrutura textual em si mesma”, ou seja, ativar os conhecimentos acerca da produção desse texto constitui um princípio básico para o entendimento de toda a composição textual.

## TEXTO II

O patinho realmente feio (SCIESZKA, Jon. O patinho feio e outras histórias malucas. São Paulo: Companhia das letrinhas, 1997).

“[...] Era uma vez uma mamãe pata e um papai pato” [...] “Todo mundo dizia”, mas que bando de patinhos, tão bonitinhos [...].

O conto acima é do escritor norte-americano Jon Scieszka. A maioria de seus contos reescrevem os clássicos infantis de um ângulo diferente. Observemos os títulos: no conto original

**Revista Interdisciplinar**

não há menção ao pai pato; o narrador tem uma atitude favorável ao patinho; já na visão de O patinho realmente feio, há um distanciamento do narrador com relação ao personagem.

O texto dialoga com o conto clássico explicitamente quando sugere uma aproximação do personagem com a versão original.

[...] sabia que um dia iria crescer [...]

O Patinho Feio (clássicos infantis)

[...] Dona Pata aguardava ansiosa a chegada de seus patinhos [...] Um dia se transformou num lindo cisne [...]

Embora haja a intertextualidade explícita, os dois textos apresentam um final bem diferente. Temos, então, um tipo de intertextualidade chamado paráfrase, ou seja, a retomada de um texto sem mudar seu fio condutor. Para Cavalcante (2010), a paráfrase se caracteriza por ser uma repetição de outro texto, com as próprias palavras do autor.

Koch, Bentes e Cavalcante (2010) retomam Sant'Anna (2008), quando explicitam que um texto parafraseado pode ficar mais enxuto que o texto fonte ou o contrário, tendo em vista que um dos propósitos da paráfrase é o de clarear ideias de um texto fonte.

**TEXTO III**

Branca de Neve



Branca de Nave  
e os sete... Ah, não!  
Banca de Never  
e os sete... Ah, não!  
Vanca de Brene  
e os sete... Ah, não!  
Brava de Nence  
e os sete... Ah, não!  
Anca de Breven  
e os sete... Ah, não!  
Cabra de Nenve  
e os sete... Ah, não!  
Branca de Neva  
e os sete... Ah, não!

GUILHERME MANSUR é poeta, artista gráfico e editor da coleção "Cadernos da Ameríndia", que trazem histórias traduzidas das tribos de índios Mbyá-guarani e Nivacle, que vivem nos desertos do Chaco paraguaio.

Folha de S. Paulo. Folhinha. 3 mai. 2003, F.B.

**Revista Interdisciplinar**

No conto tradicional, temos a Branca de Neve e os Sete Anões, uma história bem infantil com uma mensagem de amizade, cumplicidade e muitas fantasias, com bruxas, maçã envenenada e príncipe encantado. Já no texto em análise, Branca de Neve não apresenta no título a presença dos anões, no decorrer das estrofes.

[...] Branca de Neve e os sete... Ah não! [...] percebemos uma intertextualidade subvertida pela linguagem com efeito cômico.

Ressaltamos que a intertextualidade no poema é ativada pelo conhecimento que o leitor tem da fábula original. Outro aspecto bastante interessante são as transformações sofridas pelo nome da famosa personagem “Branca de Neve”, “Vanca de Brene”, “Cabra de Neve” [...].

No caso do texto-poema, não há referência direta ao conto, mas o leitor atento e conhecedor da história original perceberá que, mesmo na falta da explicitação do enredo do conto, trata-se de uma retextualização. Cavalcante fala de hipertextualidade, isto porque a derivação ocorre por transformações simples, direta ou indireta.

Podemos perceber que o tipo de intertextualidade entre os dois textos analisados é uma paródia, tendo em vista as transformações alegóricas que ocorrem na estrutura do conto a partir do título. Koch, Bentes, Cavalcante (2010) afirmam que a paródia é um curso que se constrói a partir de um texto fonte retrabalhado, percurso que se constrói a partir de um texto forte retrabalhado, percebe-se que essa transformação e/ou reconstrução realiza-se de diversas formas. A partir dessa proposição, observamos a intertextualidade e a forma como um texto dialoga com o outro.

Koch, Bentes, Cavalcante (2010) afirmam que a paródia é um curso que se constrói a partir de um texto fonte retrabalhado, percurso que se constrói a partir de um texto forte retrabalhado, percebe-se que essa transformação e/ou reconstrução realiza-se de diversas formas. A partir dessa proporção observamos a intertextualidade e a forma como um texto dialoga com o outro.

#### **TEXTOS IV**

Chapeuzinho Vermelho (Irmãos Grimm)

Chapeuzinho Amarelo (Chico Buarque de Holanda)

**Revista Interdisciplinar**

Para Koch, Bentes e Cavalcante (2007), a intertextualidade será explícita a partir da referência direta dos elementos que remetem ao outro texto. No conto “Chapeuzinho Amarelo” do escritor Chico Buarque há uma remissão direta ao livro “Chapeuzinho Vermelho” dos irmãos Grimm (1795), como podemos observar nos trechos a seguir:

Era a Chapeuzinho Amarelo, amarelada de medo. Tinha de tudo, aquela Chapeuzinho [...]. E de todos os medos que tinha, o medo mais que medonho era o medo do tal do Lobo... (Buarque, 1997).

Era uma vez uma menina chamada Chapeuzinho Vermelho, que tinha esse apelido, pois desde pequena, gostava de usar chapéus e capas da cor vermelha [...] Ela nunca tinha visto um lobo antes, menos ainda um lobo mau. Levou um susto quando ouviu: - Onde vai, essa linda menina? (Grimm, 1975).

Percebemos pelos trechos acima que a obra de Chico Buarque (1997) retoma a obra dos irmãos Grimm (1795), a narrativa é apresentada com perspectivas diferenciadas, isto porque a partir do título, Buarque (1997) refaz a história acrescentando características que não estão presentes na narrativa da obra dos irmãos Grimm (1795). Na obra de Chico Buarque (1997), temos uma Chapeuzinho medrosa, e de tão medrosa vive amarelada, diferente da Chapeuzinho Vermelho que na narrativa dos irmãos Grimm representa uma menina corajosa e independente.

A intertextualidade entre a versão de “Chapeuzinho Vermelho” dos Irmãos Grimm (1795) e a releitura de Chico Buarque em sua obra de 1997 ocorre por meio da transformação de características da protagonista e da criação de um diálogo entre os textos. Na obra dos Irmãos Grimm, Chapeuzinho é representada como corajosa e independente, enquanto na versão de Chico Buarque ela é uma figura medrosa, sempre “amarelada” de medo, mostrando uma mudança significativa no perfil da personagem.

Essa intertextualidade é percebida pelo leitor de diversas formas. A “memória social” desempenha um papel crucial aqui, pois a versão clássica de Chapeuzinho Vermelho está profundamente enraizada na cultura popular e é amplamente conhecida por gerações. Assim, quando o leitor encontra a personagem medrosa de Chico Buarque, ele automaticamente se lembra da Chapeuzinho destemida dos Irmãos Grimm e percebe o contraste entre as duas versões. Essa memória permite que o leitor identifique o diálogo entre os textos e reconheça as modificações feitas na nova narrativa.

**Revista Interdisciplinar**

Além disso, as pistas enunciativas presentes no texto de Chico Buarque também ajudam o leitor a captar a intertextualidade. Esses sinais podem estar nas descrições, na forma como a personagem é apresentada ou nas referências diretas ou indiretas ao conto clássico. As pistas funcionam como elementos que orientam o leitor a reconhecer a versão original e, ao mesmo tempo, notar as inovações feitas na recriação da história.

Dessa forma, o leitor, ao unir sua memória social e as pistas fornecidas pelo texto, constrói a relação intertextual, percebendo como a nova obra ressignifica a anterior e oferece uma nova perspectiva sobre uma narrativa já conhecida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No âmbito da linguística textual, os cenários para as análises no que concerne às relações de intertextualidade, representam de fato todas as inesgotáveis possibilidades de (re)articulação entre os textos e toda a gama de informações que podem ser transmitidas pelo menos enquanto objeto de interação. A relação que se estabelece entre textos com a mesma temática e/ou com temática diversificada é imprescindível para que se compreenda os vários caminhos percorridos pelo produtor do texto e de como o leitor pode fazer inferências nas leituras e nas compreensões textuais.

A leitura de contos de fadas numa perspectiva intertextual pode significar uma inserção de um leitor com melhores condições de compreender os fatos e mensagens implícitas e explícitas inseridas na criação textual discursiva que nunca envelhece só se transforma. Os significados dados aos textos são decorrentes, muitas vezes, de nossa percepção de mundo e das possíveis inferências que fazemos na forma de nos relacionarmos com os outros.

A construção de sentidos inerentes aos diversos tipos de contos de fadas pode ser fundamental para dinamizar o processo de leitura que, muitas vezes, ocorre de forma mecânica sem que haja nenhuma interferência por parte do leitor, sobretudo se este leitor for uma criança.

A partir desse trabalho inicial, podemos perceber que as múltiplas leituras se fazem presentes, porque podemos dar um significado mais simples para a nossa forma de estabelecer um referencial para a nossa leitura crítica e não subversiva. São muitas as possibilidades de intertextualidades em contos de fadas, entretanto nenhum estudo se esgota, apenas se inicia.

**Revista Interdisciplinar**

Observar o intertexto na mesma perspectiva de interpretação é ampliar os horizontes para que se encontre um novo universo em práticas antigas de ações e compreensões.

Nenhum discurso é completamente autônomo, pois sempre contém a presença de outros discursos. Nossas falas e ações são o resultado de uma (re)construção de modelos, referências ou experiências anteriormente vividas e compartilhadas por outras pessoas, algo inerente ao processo de interação humana. A intertextualidade, portanto, é uma propriedade fundamental de qualquer texto, estando diretamente ligada a outros aspectos como coesão, coerência e informatividade. Esses elementos, por sua vez, permitem que o texto seja compreendido e reconhecido em sua relação com outros discursos, facilitando a (re)textualização e a interpretação pelos interlocutores. A intertextualidade não é apenas uma presença pontual de outro texto, mas uma característica intrínseca à produção textual, essencial para a construção de sentido.

A tarefa de analisar as diversas intertextualidades em conto de fadas é algo produtivo na medida em que nos deparamos com o universo criativo dos escritores, tanto no que se refere à presença como a do interlocutor. A refacção dos contos numa perspectiva dialógica intertextual permite ao analista mais aguçado a possibilidade de uma (re)construção menos objetiva do poder que tem a linguagem no âmbito das relações entre os textos.

Através da proposta do trabalho, verificamos que a intertextualidade nos contos de fadas é muito comum, tendo em vista que esse tipo de texto passa por inúmeras transformações ao longo de sua história. Além disso, comprovamos que essas transformações são decorrentes de uma necessidade histórica sociocultural das gerações. Percebemos, também, que as intertextualidades dialogam entre si, isto porque em uma determinada versão pode-se verificar mais de um tipo de intertextualidade.

**REFERÊNCIAS**

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, [1953] 1979.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 3º edição. 1980.

**Revista Interdisciplinar**

BUARQUE, Chico. **Chapeuzinho amarelo**. 13. ed. São Paulo: Berlendis & Vertecchia Editores Ltda, 1994.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2010

COSTA VAL, M. G. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GRIMM, J.; GRIMM, W.; PACOVSKÁ, K. **Rotkäppchen**. Salzburgo: Minedition, [1975] 2008.

KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVACANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade**. Diálogos Possíveis. São Paulo: Cortez 2008

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. 2a ed. São Paulo: Cortez, 1987.

KOCH, I. G. V. **A intertextualidade como fator da textualidade**. Cadernos da PUC 22: 39-46, 1986.

KOCH, I. G. V. Intertextualidade e polifonia: um só fenômeno? **D.E.L.T.A.** vol.7 No 2: 529-541, 1991.

KOCH, I. G. V. O texto e a (inevitável) presença do outro. Letras - **Revista do mestrado em Letras da UFSM (RS)**, janeiro/junho: 107-124, 1997

KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVACANTE, Mônica Magalhães. **Ler e escrever**. Estratégias de produção textual. São Paulo: Cortez. 2009.

KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVACANTE, Mônica Magalhães. **Desvendando os segredos do texto**. 7 ed. São Paulo Cortez, 2011.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 7 ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

KRISTEVA, Julia. **Desire in language**: a semiotic approach to Literature and Art. New York: Columbia University Press, 1980.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1987.

MAINGUENEAU, D. **Termos chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2004.

SANT'ANNA, Afonso Romano. **Paródia, paráfrase & Cia**. São Paulo Ática; 1985.